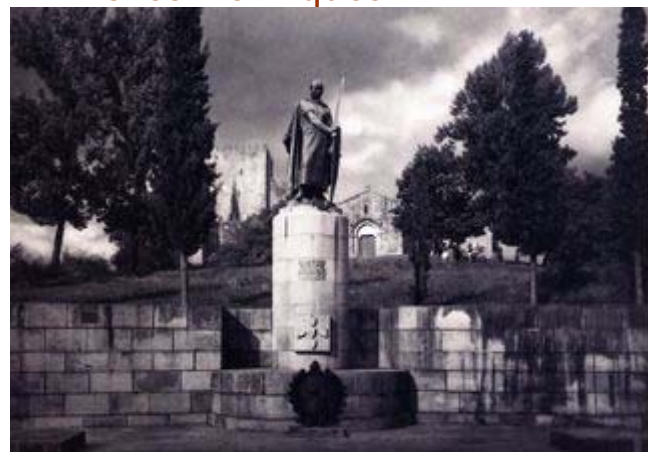


Estátuas de Guimarães

D. Afonso Henriques



Junto ao Castelo



No Largo João Franco

«A cidade de Guimarães resolveu e muito bem prestar homenagem e perpetuar a memória do rei fundador da nacionalidade, que aqui terá nascido e passado parte da sua vida, através de dois monumentos distintos, de épocas distintas.

A sugestão de erigir o primeiro monumento a D. Afonso Henriques data de 1882 e partiu de um grupo de patriotas residentes no Rio de Janeiro, entre os quais se destaca o vimaranense João Alves Pereira Guimarães, o qual subscreveu a carta enviada à Câmara Municipal da Cidade de Guimarães, presidida ao tempo pelo Dr. António Coelho da Mota Prego.

Depois de constituídas as comissões para angariação de fundos para a erecção da estátua, uma no Rio de Janeiro e a outra na Cidade Berço, e após várias peripécias, a escritura do contrato para a execução do monumento efectuou-se no dia 2 de Setembro de 1885. De um lado estavam os representantes da Câmara, do outro os autores do projecto, sendo eles o escultor Soares dos Reis, responsável pela elaboração da estátua, e o arquitecto José António Gaspar, responsável pelo pedestal. O projecto foi orçamentado em 7.200\$000 reis.

Os trabalhos de fundição da estátua, a cargo da Fundição de Massarelos, do Porto, ficaram concluídos em Setembro de 1887.

A inauguração do monumento teve lugar pelas 4 horas da tarde, do dia 20 de Setembro de 1887, na presença do rei D. Luís e restante família real, no Largo de S. Francisco, onde ficou implantado o monumento, que viria a ser transferido mais tarde para o Largo do Tournal, de onde foi retirado em 1940 para o local onde se encontra actualmente, junto ao Castelo de Guimarães.

A 24 de Junho de 2001, integrada nas comemorações do Dia Um de Portugal, foi feita a inauguração de um outro monumento a D. Afonso Henriques, de autoria do escultor João Cutileiro, que ficou colocado no Largo de João Franco. A ideia do monumento surgiu aquando de uma exposição do artista no Museu de Alberto Sampaio, que foi visitada pelo Presidente da Câmara, Dr. António Magalhães, a quem foi sugerida a encomenda. Entretanto já tinha sido feita igual encomenda ao artista José de Guimarães, que nunca chegou a concretizar-se.

Contrastando com o monumento a D. Afonso Henriques de autoria de Soares dos Reis, que obedece ao estilo romântico, a escultura de João Cutileiro é um exemplar de arte moderna, representando um guerreiro com um escudo e um montante, e foi inspirado, de acordo com as palavras do autor, nos manuais de instrução primária de há sessenta anos, nos quais o primeiro rei era apresentado, não com uma espada, mas com um montante.»

"O Povo de Guimarães" - 2005.04.22

Autor: A. Rocha e Costa

Mumadona Dias



«Cansado da polémica em torno da edificação dos Novos Paços do Concelho, que iriam ocupar o largo frontal ao actual Tribunal de Guimarães, António Faria Martins, na sua qualidade de vereador, propôs à Câmara Municipal que fosse abandonada a construção do edifício destinado a repartições públicas e que a praça que resultaria da demolição fosse ajardinada e decorada com uma estátua a Mumadona, de quem tomaria o nome, em homenagem à fundadora do velho burgo vimaranense. Em finais de 1951, escassos meses após a apresentação da proposta, o referido vereador volta a reafirmar a sua posição reforçando a dita proposta com a anexação de desenhos para melhor se ajuizar a finalidade e importância do projecto, entre os quais um com a perspectiva do que viria a ser a "Praça de Mumadona", que iria dar maior imponência aos Paços dos Duques de Bragança. Apesar de algumas vozes ainda defenderem a continuação da obra dos Paços do Concelho, foi decidido que a parte já construída fosse demolida e em seu lugar se erguesse a estátua a Mumadona, de autoria do escultor Álvaro Brée, oferecida à cidade de Guimarães pelo Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar. Em Fevereiro de 1955, a Câmara de Guimarães toma conhecimento do anteprojecto do Palácio da Justiça que iria ser construído junto da futura Praça de Mumadona e em Setembro do mesmo ano o Ministro das Obras Públicas incumbiu o escultor de executar a estátua da Condessa Mumadona. A Praça, com a respectiva estátua, mais o Palácio da Justiça, foi inaugurada em Junho de 1960 pelo Chefe de Estado, Almirante Américo Tomaz. Sobre a Condessa Mumadona Dias, o que se nos oferece dizer é que era filha dos Condes Diogo Fernandes e Onega e que foi a dama mais rica e poderosa do Noroeste Peninsular, no século X. Foi casada com o conde Hermenegildo, de quem teve seis filhos. Em 950, já viúva, fundou o Mosteiro de Guimarães, ao qual doou ricas alfaias, uma valiosa colecção de livros e vastos domínios. Anos depois, enriqueceu o mosteiro com os bens herdados da sua sobrinha Chámoa Rodrigues, os quais incluíam vários castelos na fronteira. Para defender o mosteiro das incursões normandas, fundou o Castelo de S. Mamede. Parece que ainda vivia em 981. Quanto à estátua, enquanto decorrem as obras do parque subterrâneo para automóveis, partiu para parte incerta, devendo regressar qualquer dia.»

"O Povo de Guimarães" - 2005.05.06

Autor: A. Rocha e Costa

Martins Sarmento



«Quem desce o Largo Martins Sarmento em direcção à rua de Santa Maria encontra no lado sul do jardim ali existente um canteiro onde se ergue o monumento ao ilustre sábio vimaranense que dá o nome ao Largo. A ideia de homenagear Martins Sarmento surgiu aquando da preparação das comemorações do centenário do seu nascimento que teriam lugar em 1933, ficando o projecto concluído em Agosto de 1932. No entanto, só em Agosto do ano seguinte é que a Câmara decidiu a sua instalação no local onde se encontra actualmente. Trata-se de um monumento de linhas muito sóbrias, pois assim o quiseram os pais da ideia, de autoria do escultor António de Azevedo que foi durante muitos anos professor da Escola Francisco de Holanda. Quanto ao perfil do homenageado é de todos sobejamente conhecido: nasceu em Guimarães a 9 de Março de 1833 e faleceu nesta mesma cidade em 9 de Agosto de 1899. Aos vinte anos terminou o curso de Direito na Universidade de Coimbra. É autor de várias obras poéticas e de estudos históricos e científicos. Em Julho de 1874 deu início aos trabalhos de escavação da Citânia de Briteiros e dois anos passados "os mais distintos arqueólogos do país" visitaram a Citânia e participaram no que pode ser considerado o I Congresso Nacional de Arqueologia. Em 1877, iniciou a exploração das ruínas do Castro de Sabroso. A realização do Congresso Antropológico, em Lisboa, em 1886, permite aos mais notáveis arqueólogos europeus visitarem os trabalhos realizados por Sarmento na Citânia e testemunharem-lhe a sua admiração. As investigações do ilustre sábio estenderam-se ainda a outros concelhos, entre eles os de Felgueiras, Paços de Ferreira, Santo Tirso, Famalicão, Amares e ainda ao litoral poveiro. Recebeu inúmeras distinções do Governo Português e de diversas instituições nacionais e estrangeiras.»

"O Povo de Guimarães" - 2005.06.03

Autor: A. Rocha e Costa

Centenário da elevação de Guimarães a cidade



«Nos inícios de 1952, considerando a proximidade das comemorações do centenário da elevação de Guimarães a cidade, pela rainha D. Maria I, é deliberado colocar no centro do Toural uma fonte monumental (nessa altura já o projecto de monumento a Gil Vicente havia sido abandonado). A Comissão de estética municipal estuda para o Largo do Toural um conjunto de projectos para ocupar o espaço onde tinha estado a Estátua de D. Afonso Henriques, transladada para o Monte Latito. Em Fevereiro de 1952, a Câmara Municipal solicita o projecto relativo à "Fonte Monumental" a colocar naquela praça, ao artista vimaranense e Professor da Escola de Belas Artes do Porto, Arquitecto José António Sequeira Braga, aprovando-o por maioria em reunião de Câmara de Julho de 1952, e em Julho do ano seguinte, ano em que se realizava a comemorações do Centenário da elevação de Guimãrãea a cidade, já se encontrava a funcionar.»

"O Povo de Guimarães" - 2005.07.08

Autor: A. Rocha e Costa

Abel Salazar



«As diligências para a execução do busto de Abel Salazar começaram pouco depois das comemorações do Centenário do cientista e artista, em 1989. Porém, o custo elevado do trabalho da escultura (qualquer que ela fosse), a fundição e a colocação em lugar público, foram batalhas difíceis de vencer.

Foi a conjugação de esforços da Casa-Museu Abel Salazar e a generosidade da escultora Irene Vilar que prescindiu dos seus direitos, autorizando que fosse fundido um busto igual ao que fez para S. Mamede de Infesta, que possibilitaram que a Câmara Municipal de Guimarães assumisse os encargos da fundição da obra e a sua colocação onde hoje se encontra.

Demorou uns anos, mas em 24 de Junho de 1997, com a presença do Presidente da Câmara de Guimarães, do Prof. Nuno Grande, Presidente da Casa Museu e da Escultora Irene Vilar, foi inaugurado o excelente trabalho que homenageia um dos mais notáveis vimaranenses de sempre.

Para quem desconheça, é importante referir que Abel Salazar nasceu numa casa situada no Largo do Toural, sendo por amor dos seus maiores um homem de enraizamento cultural vimaranense e minhoto.

Muito jovem ainda, foi viver com seus pais, no Porto, mantendo sempre uma ligação profunda às origens. Figura de prestígio no meio científico nacional e também no estrangeiro, foi afastado da Universidade em 1935, por motivos de ordem política. É que o seu homónimo, então no poder, não tolerava as ideias do mestre.

Explica-se, assim, o longo silêncio que rodeou este filho dilecto de Guimarães, cujo nome só muito mais tarde viria a ser justamente reabilitado.»

"O Povo de Guimarães" - 2005.07.22

Autor: A. Rocha e Costa

Conde de Arnoso



Estátua do CONDE DE ARNOSO, inaugurada em Guimarães, no Largo da República do Brasil, em 29 de Abril de 1961.

©Escultor Joaquim Correia, Arquitecto Augusto Mendes.



Solar do Proposto, em Guimarães, onde nasceu, a 27 de Maio de 1855, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1.º Conde de Arnoso.

Solar do Proposto

«O célebre grupo dos «Vencidos da Vida»»



Da esquerda para a direita,

em pé: Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Lobo de Avila, Oliveira Martins, Marquês de Soveral, Guerra Junqueiro e Conde de Arnoso.

sentados: Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Conde de Ficalho e António Cândido.

Vencidos da vida

«Um grupo de vimeiranos decide, em 1955, erguer uma estátua ao Conde de Arnoso e fazer-lhe uma homenagem. Para isso, constituiu-se uma comissão encarregada de tratar do assunto. Mas a homenagem ao Conde de Arnoso demorava a concretizar-se e passado três anos, continuava sem se resolver nada. Por isso, a imprensa perguntava: "Para quando a estátua ao Conde de Arnoso". Entretanto, em sessão de 8 Março de 1960, a Câmara decide aprovar o local sugerido pela Comissão do Monumento ao Conde de Arnoso, para a sua instalação no Largo República do Brasil, assumindo a Câmara a elaboração do projecto do pedestal e sua construção. Em Março desse ano, a imprensa noticiava já que se ultimavam os trabalhos para a inauguração do monumento. A estátua já se encontrava pronta e o pedestal estava em preparação. Assim, resolve-se colher propostas para execução da base do monumento, por deliberação da sessão de 26 de Abril de 1960. Algum tempo depois decide-se adjudicar a construção do pedestal e, em Dezembro de 1960, já se aguardava inauguração solene da estátua que iria ser colocada no Largo República do Brasil. Foi fundida na Fábrica de Bronzes de Arte de José C. Guedes, Lda. em V.N. de Gaia. Entretanto a imprensa anuncia que em 29 de Abril iria ser inaugurada a estátua ao Conde de Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de Melo, uma escultura adquirida por subscrição pública e entregue aos cuidados da Câmara.

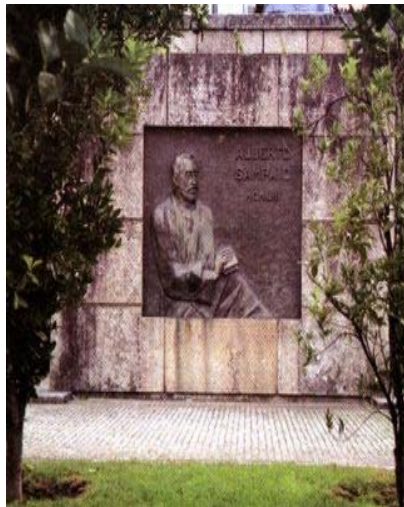
BERNARDO PINHEIRO CORREIA DE MELO - 1.º Conde de Arnoso. (27.5.1855 - 21.5.1911)

Filho do Visconde de Pindela, João Machado Pinheiro Correia de Melo e de D. Eulália Estelita. Fidalgo da casa real e secretário do Rei D. Carlos I, de quem era grande amigo. Foi oficial de engenharia e também um conhecido escritor do seu tempo tendo pertencido ao célebre grupo "os vencidos da vida". Foi o principal impulsionador do monumento a Eça de Queirós, de quem era amigo. Leal e fiel ao seu Rei que acompanhou em várias viagens à Europa ficou impressionadíssimo com o regicídio e exigiu na Câmara dos Pares o castigo. Recebeu o título de Conde, por serviços prestados, em 1895. Sobre ele disse Ramalho Ortigão "Heróica personalidade da amizade. Espelho de fidalgos e de homens de bem. Modelo de honra, de valor, de coerência e de fidelidade (...). Glória da sua raça.»

"O Povo de Guimarães" - 2005.09.30

Autor: A. Rocha e Costa

Alberto Sampaio



Em 1941 celebrava-se o centenário do nascimento de Alberto Sampaio e a Câmara Municipal de Guimarães decidiu construir na cidade um monumento que homenageasse o ilustre historiador.

Só na sessão da Câmara de 12 de Dezembro de 1951 foi decido entregar a execução do projecto ao escultor António de Azevedo.

Depois de vários atrasos na sua construção e adiamentos da sua inauguração, o monumento, de autoria do escultor António de Azevedo, foi inaugurado no dia 10 de Junho de 1956, Dia de Portugal, no Largo dos Laranjais, tendo em consideração as instruções recebidas numa circular, sobre o modo de comemorar o dia 10 de Junho, da Presidência do Conselho.

Alberto Sampaio nasceu em Guimarães em 15Nov1841 e morreu em V. N. Gaia em 01Dez1908. Formou-se em Direito em Coimbra e dedicou-se ao estudo das civilizações primitivas do NE de Portugal e da Economia e História do País. Foi grande amigo de Antero de Quental e membro da "Sociedade do Raio" em Coimbra. Os seus estudos foram recolhidos em dois volumes com o título "Estudos históricos e económicos" - 1923.

Informação extraída de "O Povo de Guimarães", de 2005.10.21 - Autor: A. Rocha e Costa

Gravador Molarinho



«Em Maio de 1933, a imprensa noticia que Guimarães ia, em breve, prestar homenagem ao célebre vimaranense, José Arnaldo Molarinho, mais conhecido por gravador Molarinho, afamado ourives. A iniciativa do momento devia-se a A.L. de Carvalho. O baixo relevo foi confiado a Teixeira Lopes e o monumento a António de Azevedo. Em Julho de 1934 já se tinha iniciado a sua construção, por iniciativa da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães que o mandou erigir.

Estava já concluído em Dezembro de 1934. Mas, em Maio de 1935, os vimaranenses são informados que a inauguração tinha sido transferida para o dia 2 de Junho.

Entretanto, os passeios do largo são pavimentados e em Janeiro de 1937 a imprensa divulgava que o monumento iria ser deslocado do Largo da Condessa do Juncal para um sítio mais conveniente e apropriado. Mas, em Março de 1940, a Câmara leu um ofício de diversos signatários, entre os quais A.L. de Carvalho, membro da extinta Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, chamando a atenção da Comissão de Estética para a conveniência de o referido Monumento ser mudado para o antigo Largo dos Laranjais, visto que o mesmo ia ser urbanizado. Em virtude do parecer da aludida Comissão de Estética, a Câmara resolve não mudar o Monumento do local onde se encontrava.

Em sessão da Câmara Municipal de Outubro de 1951, o vereador Dr. Carlos Saraiva propôs: "...que se proceda à pavimentação do Largo da Condessa do Juncal, como medida de protecção à saúde pública; pois, aos sábados, em dias pluviosos, as pessoas que ali vão fazer o seu negócio, têm de o fazer encharcadas em lama". Mas, mesmo assim, em Janeiro de 1952 a imprensa continuava a queixar-se do Largo da Condessa do Juncal. Não obstante, em Maio de 1952, já se dizia que -"Está quase concluída a pavimentação do Largo Condessa Juncal [...]".

Mas o monumento não estava no sítio ideal e, em meados de 1952, "por motivo de melhorarem as condições de iluminação do Largo Condessa do Juncal e o monumento ao Gravador Molarinho, por sugestão do distinto arquitecto Sr. António de Azevedo, foi este transferido para o seu topo de nascente. Para que o largo fique suficiente iluminado, foi ali colocado um candeeiro com quatro braços. [...]". A imprensa aplaude a nova localização do monumento, que hoje conhecemos, uma vez que passou a ter melhor efeito. »

"O Povo de Guimarães" - 2005.06.03

Autor: A. Rocha e Costa